

Cidade de Deus e do Diabo

Entrámos num «campo de batalha» entre policías, paramilitares e narcotraficantes, nas favelas. A «cidade maravilhosa» prepara-se para receber os Jogos Olímpicos, em 2016. Mas a pecha da insegurança ainda lá está

POR BERNARDO GUTIÉRREZ TEXTO E JOÃO PINA FOTOS

Fotografías eliminadas a petición del autor por cuestiones de seguridad relacionada con los fotografiados, perdonen las molestias.

Na favela Vila Aliança, no Rio de Janeiro, Yashmina Barbosa, de 3 anos, salta no parque, em redor da avó, Rosângela da Silva. O paraíso de Copacabana fica longe. Indiferente, a menina brinca perto da prisão de Bangu, «a fábrica de monstros». Nalgumas paredes, alguém escreveu frases evangélicas: «Deus muda quem quer ser mudado.» Abunda o lixo. De repente, chega o 14.º Batalhão da Polícia Militar (PM). Tudo acontece com demasiada rapidez. Um projectil de 7,62 milímetros entra pelas costas da pequena. Quando chega ao hospital, está morta.

Yashmina é mais um número da estatística, do esquecimento. O seu caso (ocorrido a 29 de Abril) ocupou alguns parágrafos nos jornais do Rio. Outra vítima das chamadas «balas perdidas». Nos últimos três anos (até finais de Maio), foram contabilizados 739 disparos destes, na cidade, segundo o Instituto de Segurança Pública. E ceifaram a vida a 56 pessoas que, como Yashmina, estavam no sítio errado.

Nada de novo. Apenas a ponta do *iceberg* de uma estatística brutal. No Estado do Rio, os assassinios sucedem-se ao ritmo de quase 20 por dia: 7 089, em 2008, segundo dados oficiais. Habitar nesta «Cidade Maravilhosa cheia de encantos mil», como Carmen Miranda entoava, obriga a enfrentar um dos mais complexos quebra-cabeças de violência do mundo.

Rua do Almirante Alexandrino, 2 horas. Vários carros da PM sobem até à favela Fallet. As metralhadoras, M16, destacam-se, fora das portas. Os tiros são tão intensos que é difícil falar, mesmo no interior dos apartamentos. Alguns habitantes esperam na rua. «O Comando Vermelho, a principal facção de traficantes, tenta invadir Fallet, dominada pelos seus inimigos, os Amigos dos Amigos», diz Ricardo Beliel, um deles. O amanhecer, aqui, chega muitos dias com silvos de chumbo.

A geografia carioca é bem explicada na *Cidade de Deus*, o livro de Paulo Lins ►

GERAÇÃO PERDIDA Vesguinho, abatido recentemente, (ao centro, em cima) e o seu gangue que opera na Ilha do Governador. Meninos do Morro do Dende, onde residem mais de 45 mil pessoas (em baixo)

► que inspirou o filme homónimo: «Lá em cima», os morros, as colinas, os pobres. «Lá em baixo», a cidade, «o asfalto». O livro descreve uma urbe de extremos: o luxo da zona sul convive com os bairros deprimidos. As cidades do Rio raramente se tocam. Convivem separadas.

Giuseppe, um profissional independente, nunca imaginou que surpresa o roubo do seu carro, em 2007, lhe traria. O comissário comunicou-lhe que o veículo tinha aparecido. Ao chegar ao posto, Giuseppe quase teve um enfarte. Dentro do automóvel estavam três jovens sem cabeça. Os tapetes com sangue. Hoje, este italiano só quer esquecer. Tirou uma conclusão: «O meu automóvel serviu de carro funerário, um sinal para que

Na área metropolitana do Rio, os assassinios sucedem-se ao ritmo de quase 20 por dia

a facção rival não invadisse o território dos assassinos.»

Algumas chaves do susto de Giuseppe e da bala perdida de Yashima encontram-se no mapa da violência, elaborado pela equipa de Fernando Gabeira, o candidato ecologista às eleições de 2008. O mapa está incorporado no Googlemaps (<http://gabeira.com/gabeira43/?tag=violencia>). Com um simples clique, os pontinhos de cores salpicam a geografia do Rio. Em cada favela ocupada pelas milícias paramilitares (130) existe um pontinho azul. Nas dominadas pelo narcotráfico (mais de 800) há uma cor para cada facção. Pontinho vermelho para o Comando Vermelho, verde para o Terceiro Comando Puro, amarelo para Amigos dos Amigos. Assim sendo, os três decapitados de Giuseppe são explicados por um choque entre o amarelo e o vermelho.




OS TRAFICANTES MUDARAM

Meio-dia. Calor abrasador. As ruas do Complexo da Maré, um conjunto de 16 favelas, no Rio Norte, são uma mistura de poeira, casas de tijolo e crianças descalças. Maria da Silva (pseudónimo) fala a soluçar: «Outro dia, estivemos no chão durante horas, o tiroteio foi pesado.» Numa cozinha destruída e suja, correm

alguns ratos. O filho, de 7 anos, mete os dedos nos buracos de balas, na parede. Brinca. «Na Maré não há paz», sussurra. O Comando Vermelho disputa cada rua com o Terceiro Comando. As fronteiras – e os tiroteios – são móveis. A morte não surpreende ninguém. «Um dia, mataram nove pessoas, um ajuste de contas», comenta Maria. Mas ela não denunciaria os

traficantes. Dão-lhe gás quando ele lhe falta. Ou «guloseimas para as crianças». Aqui, o Estado não existe. A lei é verde, vermelha ou amarela.

Os mais de 113 mil habitantes do Complexo da Maré «vivem sequestrados pela pobreza e pela violência», segundo Raquel Willadino, do Observatório das Favelas. O Índice de Desenvolvimento



BARBÁRIE Cena de um triplo homicídio em Santa Cruz (em cima); polícias numa operação antidroga na favela da Mangueira (esq.); cadáver de Edilma Ferreira, 26 anos, grávida de sete meses

Humano (IDH) da Maré é de 0,722. Em Ipanema, que viu nascer aquela «garota» de «doce balanceio a caminho do mar», as estatísticas nórdicas presumem um IDH de 0,962. Na Maré, a esperança de vida é de 66,8 anos. Em Ipanema é de 80.

Chegar à fala com os traficantes não é fácil. Mas, por vezes, o contacto apropriado, as frases ou palavras adequadas, ►

As milícias paramilitares controlam cerca de 130 favelas, os narcotraficantes a grande maioria das outras 800

► cristalizam-se num salvo-conduto. Há dois anos, três adolescentes armados receberam este jornalista numa favela do Rio Norte. Rosto coberto, olhos desconfiados, num quarto claustrofóbico. Um, que segurava uma bolsa com droga, justificava-se: «O que vamos fazer, se não há trabalho?» Não tinha mais de 15 anos. No seu braço, uma tatuagem de uma serpente. Entrou no tráfico com 11 anos. Cometeu o seu primeiro homicídio, aos doze. «Perdi a conta de quantos já matei», afirmava o outro com sarcasmo. Todos riram, quase em uníssono. Um terceiro – esguio, robusto, mais calado – exibiu roupas caras, de marca, enquanto revelava quanto custa subornar a polícia: «25 mil reais (7 mil euros) por semana.»

Maria, a rainha da casa esburacada, tinha razão. Os traficantes não são como os de antigamente, «gente que nos respeitava». Pessoas como William da Silva, o Professor, o intelectual esquerdista que, nos anos 60, fundou o Comando Vermelho com uma forte componente social. Já não há personagens como Marcinho VP que, em 1996, garantiu a

segurança de Michael Jackson, na gravação do videoclip *They don't care about* e se veio a transformar no Robin dos Bosques dos pobres, protagonizando o documentário *História de uma Guerra Particular*, com o fim de «defender o meu povo da opressão». Marcinho chegou a afirmar que iria fundar o Movimento So-

cial Revolucionário pela Favelândia. Mas morreu assassinado em 2003, na prisão de Bangu.

Hoje, um estudo do Observatório das Favelas, realizado entre os adolescentes do tráfico da Maré, revela que 70% não têm inclinação política. Já lá vão os tempos em que se podia falar de guerri-



ESTADO DE SÍTIO Comandos do BOPE, a polícia militar, na favela da Grotta, Complexo do Alemão, na zona norte do Rio, um dos principais centros do narcotráfico na cidade

ÓCIO E CRIME Crianças do Morro do Dende assistem a um jogo de matraquilhos entre um jovem traficante e um outro morador da favela

lhas marxistas; agora são violentas máfias da droga. E alimentam-se da espiral de extrema pobreza da população. «Os seus sonhos são consumistas», afirma Raquel Willadino, uma das directoras do observatório.

Talys Motta, 40 anos, vendedor de livros, conhece os dois Rios paralelos. Frequenta festas enfadonhas, na zona

Sul. Mas conhece os códigos do Rio do Norte. É ele quem nos explica que as crianças entram no tráfico como olheiros (vigilantes) ou fogueteiros (lançam foguetes de aviso, quando chega a polícia). Evoluem para vapores (vendedores). «Muitos ficam pelo caminho», diz. Durante os dois anos que durou o estudo do Observatório, 45 jovens foram assas-

sinados. «Começam no crime», remata Talys, «e não conseguem sair.» Os números impressionam: cerca de 100 mil pessoas trabalham para os narcotraficantes, no Rio.

TROPA DE ELITE COM CAVEIRA

Alberto Pinheiro, 44 anos, roupa negra, braços corpulentos, é polícia militar desde os dezanove. É o comandante do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), «um grupo de 400 polícias especializados no combate ao crime em áreas urbanas». *Tropa de Elite*, vencedor do Urso de Ouro de Berlim, em 2008, popularizou este corpo. E criou uma grande polémica no Brasil. O BOPE é o herói do filme. Parte da classe média começou a defender a repressão policial. Pinheiro assegura que a fita «mostra que a vida criminal não tem *glamour* e que abominamos a corrupção». Além disso, nega qualquer abuso: «Quem disser que o BOPE entra na favela a disparar, não conhece a verdade.»

A palavra da discórdia é «caveirão». Assim foram baptizados, no Rio, os carros à prova de bala usados pelo BOPE, que têm uma caveira pintada. Um rela-►

▶ tório da Amnistia Internacional (AI) denuncia os excessos cometidos a bordo do «caveirão»: insultos pelos altifalantes, jovens assassinados pendurados nos ganchos do veículo...

Tim Cargill, da AI em Londres, afirma que «o 'caveirão' criminaliza toda a população com a sua presença». «Um em cada sete homicídios é cometido por um polícia», afirma. Os números e a realidade dão-lhe razão. Em 1993, a polícia do Rio de Janeiro matou, de acordo com a Secretaria de Segurança do Estado, 1 195 civis, o dobro de todas as polícias dos Estados Unidos e Europa juntas. Desde então, os números ultrapassam os mil mortos por ano.

O sociólogo Inácio Cano, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, demonstrou, com um relatório, que cerca de 65% dos assassinados pela polícia tinham, pelo menos, um disparo nas costas. «Chamam-lhes autos de resistência, mas são execuções», indica. Tim Cargill dá uma pista importante: «Os autos de resistência protegem a polícia, não se investigam os mortos.»

MILÍCIA, O PODER PARALELO

Inácio Cano não hesita em acusar a milícia de fomentar o «neofeudalismo». Para solucionar a terceira incógnita da violentíssima equação carioca, basta tecer no Googlemaps da violência. A zona Oeste está forrada de pontinhos azuis. Cada favela-milícia, um ponto azul.

Vila Sapê, 15 horas. Renata – pele negra, olhar incisivo – caminha perto do portão que separa a favela (ponto azul) da Avenida dos Bandeirantes. Há homens a vigiar. E um *graffiti*-síntese: um polícia e a frase «24 horas vigiados».

«Cobram pela segurança. Também pela saúde. A televisão por cabo pirata custa 20 reais. À noite, é proibido sair de casa», conta Renata, que perdeu o marido num tiroteio. Há dois anos, a Polícia Militar pintou os muros de branco e conquistou o território aos traficantes. Mas ela ainda se lembra bem.

Cano afirma que a milícia representa uma privatização perversa da segurança pública: «Instalou-se o mito de que proporcionam segurança. Temos mais de 300 denúncias de tráfico de droga, na zona da milícia.»

Mas ninguém como Marcelo Freixo, o deputado que dirigiu a comissão de

*Há três décadas,
o Rio de Janeiro tinha
300 favelas.
Agora, são mais de 700*

investigação das milícias, para fazer um perfil dos paramilitares *made in* Rio de Janeiro: «São grupos criminosos. Agentes públicos, polícias, ex-polícias, bombeiros...», diz este homem, com a cabeça posta a prémio pelas milícias.

Eduardo Paes, actual presidente da Câmara, ganhou as eleições a defender o poder paramilitar. O polícia Alexandre de Sousa justifica a milícia «devido aos baixos salários». A média anda à volta dos 1 100 reais, menos de 400 euros mensais. «Por isso, existe a corrupção», explica. Entre 2002 e Março de 2008, foram expulsos 1 245 polícias militares corruptos. Implicados no tráfico de dro-

gas. Na venda de armas a traficantes. Na fundação de grupos paramilitares para com isso beneficiarem.

A equação está quase completa. O Norte do Rio tomado pelos traficantes. A zona Oeste conquistada pelas milícias. Nas favelas elevadas da zona Sul, alguns pontos de tráfico. Em toda a cidade, a população pobre à mercê dos abusos de um e do outro lado. O vídeo que o Governo do Rio entregou ao Comité Olímpico Internacional ocultava as favelas. Até a histórica Mangueira, junto do Estádio Maracanã. O vídeo não mostrava os muros que estão a construir em 13 favelas do Rio, «para proteger a natureza» (versão oficial). A «cidade maravilhosa» tem mais de 700 favelas (há 20 anos eram trezentas). O certo é que, em 2009, a sete anos dos Jogos, tudo continua igual. A classe média cheira pó nas festas da zona Sul, enquanto o *rapper* MV Bill entoia as suas rimas provocantes na favela da Cidade de Deus: «Compras cocaína da minha mão e depois insultas-me na televisão.»

RETRATOS Um alegado traficante é fotografado após ser detido. Em baixo: um polícia durante uma rusga que permitiu a apreensão de tonelada e meia de erva